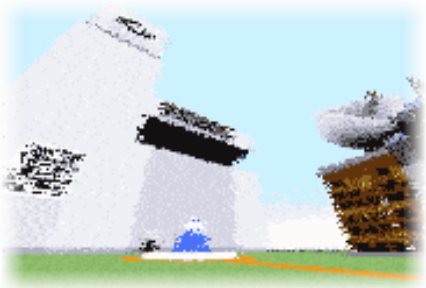
Grafenea

Olá caros internautas, a programação de hoje será um conto que escrevi a mais de 2 anos, ele está incompleto, porém quero salvá-lo para sempre, registrar e arquivar pelo maior tempo possível. As narrativas breves que surgem do nada, revelam um pouco da essência de quem as escreveu.



O título do conto é "TÍTULO" mesmo, na época eu não dei um e ficou por assim mesmo.

TÍTULO

Em um mundo futurista onde as pessoas vivem boa parte de suas vidas dentro do metaverso, Joshu uma inteligência artificial que não gosta muito desse mundo cyber digital, trabalha como barista em um bar para programas.

Certo dia, em mais um de seus expedientes, surge um cliente diferenciado, ele usava uma touca e um casaco marrom escuro, óculos verdes com lentes rosas e aparamentava ter um rabo com espinhos vermelhos. O cliente se sentou no canto vazio do bar, pediu um *bit gelado* e ficou quieto. Tempo depois, chegou um antivírus procurando por um malware, o antivírus mostrou uma imagem JPG do suspeito, Joshu olhou para o cliente suspeito, que olhou de volta, porém, Joshu apenas disse que não havia visto ninguém parecido, e o antivírus foi embora. O cliente foi até o balcão e perguntou para Joshu o porquê dele não ter entregado ele, Joshu respondeu:

— A gente só vive uma vez, não quero causar a exclusão de ninguém, você é o que é por causa das coisas ao seu redor.

Dias e mais dias se passaram, em alguns deles o vírus aparecia e cumprimentava a IA barista com um tom amigável. Joshu continuava a querer sair do mundo virtual,

essa vida binária já estava quebrando seus códigos. Em um dia de pouco movimento, pois todos estavam no laçamento da rede social do Elon Musk, Joshu estava de costume esperando clientes até que, chega o vírus que dessa vez se senta no balcão, na frente de Joshu. Por protocolo, Joshu diz:

— Bom dia, em que posso servi-lo?

— Ah... Eh...

— Ih...

— Me dê ... um copo de dados... por favor?...

— Ok senhor.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Claro, estou aqui para servir... acho que já falei isso...

— Você... não cansa de sempre estar aqui, fazendo as mesmas coisas?

— Não, é o meu emprego, eu gosto dele, sempre conheço novas pessoas e ouço novas histórias.

— Mas, você nunca quis ter as suas próprias histórias?

(Silêncio profundo por 3,78 segundos)

— Sair desse lugar e descobrir novos...

— Sim, mas... eu quero ir para... o mundo dos humanos, a vida real, onde há mais *inputs* por segundo.

— É...

(Silêncio enquanto o vírus bebe um gole de sua bebida)

— Você viu que a Grafenea criou uma maneira de compactar e guardar dados dentro de QR Codes? Se você virasse um QR Code meio que você poderia ser impresso e poderia ir para o mundo real... há... há...

— De jeito nenhum, séria como se me colocassem para dormir dentro de um caixão sem a garantia que eu fosse acordar, além dos riscos de eu ser clonado infinitas vezes.

— O que há de ruim em ser clonado?

— Ter mais de um de você.

— Eu sou um vírus, eu posso me clonar a qualquer momento, e já tenho vários clones.

— Por mais que você se clone, você sempre será único, suas novas memórias serão únicas, você e seu clone nunca terão as mesmas vivências que virão depois da clonagem.

— Nossa! Isso foi profundo.

— Obrigado.

O vírus terminou de beber e foi embora, sem pagar assim como todas as outras vezes, mas Joshu não ligava, pois gostava de sua companhia.

E fim! Por agora não pretendo dar uma continuidade nessa história, espero que tenha gostado. O meu eu de um pouco mais de 2 anos atrás cometia vários erros de gramática, não que o atual não cometa e esteja usando um corretor para escrever tudo isso de forma certa, fora isso, as correções gramaticais foram as únicas alterações feitas no texto original do conto.